

## ÍNDICE

Dane Zajc .....	7
Kajetan Kovič .....	17
Veno Taufer .....	27
Svetlana Makarovič .....	35
Tomaz Šalamun .....	43
Boris A. Novak .....	55
Brane Mozetič .....	67
Aleš Debeljak .....	75
Uroš Zupan .....	85

Matej Bogataj: *Poesia eslovena*

*da pós-guerra – modernismo e as*

*tendências posteriores* ..... 103

## Ser a gota

Ser a gota

Ser a gota no teu peito,  
ser a gota pura, clara  
no peito sedento,  
ser a gota desassossegada  
no peito quente,  
ser a gota chupada no teu corpo.

Ser uma lasca no teu fogo,  
ser fogo ardente no teu fogo,  
ser grande fogo  
no fogo da tua vida,  
queimar, queimar, arder até ao fim  
e ser cinza levada  
pelo suspiro da tua paixão,  
não sentir mais nada, não desejar mais nada.

Só na destruição se encontram a paz e a paixão,  
só na destruição se encontra a fidelidade infinita,  
as coisas mortas amam com a paz da eternidade,  
oh ser a rocha no campo  
do teu amor.

## Ilha do Sul

É a ilha do sul. É.  
Longe, num mar desconhecido  
é um ponto no horizonte.  
É uma malha de neblina.

Entre o alvor e a escuridão  
Emerge das águas brancas.  
E dura infinitamente.  
E num instante vai ao fundo.

E o mar das delícias  
é pesado e ébrio.  
E o sal fecha a ferida.  
E o presságio que nem existe.

Que no fundo obscuro há  
apenas conchas cobertas de areia  
e ramos da oliveira amarga  
e embalar do musgo.

E a água abre-se  
e a estrela forte surge  
e vem a nave nova  
e a ilha do sul *existe*.

## A água levou consigo

a água levou consigo  
a mãe e o pai

pela água deixámos  
aos nossos filhos

a nossa paixão  
regámos com água

todos os nossos fogos  
bebe a água do céu

a água folheia as folhas  
dos nossos livros

todas as nossas esperanças  
nadam em água

esperamos o dilúvio  
vem água  
vem até a garganta

## Literalmente

como vai

perguntas

assim

ou assim

assim e nada  
diferente  
como o som da gota  
que cai  
longe do marítimo  
cai  
e cai

assim é

e a borda  
faz dano

## Janeiro

Enormes são os poliedros do silêncio  
em cima dos telhados mortos.  
O silêncio do ar congelado  
entre as ruas inconscientes.  
O silêncio das caveiras brancas entre a ramagem.

Pela goteira caiu  
uma mão de prata.  
Endurecida, aponta para a morte.

Os pombos dormem, miúdos,  
de trás de centelhantes cortinas de medo.

## Estrela

Que venha aquela hora,  
que venha aquele tempo,  
que se deixe reconhecer  
aquela voz remota,  
que a palma nevada  
toque a pele queimada,  
que venha já de uma vez,  
que venha aquele dia.  
Demasiado têm mirado  
e têm visto os olhos,  
demasiado para querer  
saber algo mais,  
com ninguém já nada mais,  
nada meu,  
não posso ficar mais,  
eu não sou daqui.  
Olha, aquela estrela distante  
não sai do meu pensamento,  
estrela que não vejo de dia,  
porém sei que é.

## Jônio

como desce o sol?  
como a neve  
de que cor é o mar?  
largo  
jônio és salgado?  
sou salgado  
jônio és bandeira?  
sou bandeira  
todos vaga-lumes descansam

como são as pedras?  
verdes  
como brincam os cachorros?  
como a papoila  
jônio és peixe?  
sou peixe  
jônio és ouriço-do-mar?  
sou ouriço-do-mar.  
escuta como rumora

jônio é se a cerva corre através da floresta  
jônio é se olho a montanha a respirar  
jônio são todas as casas  
ouves, que arco-iris?  
como é o rocío?  
dormes?

## Exílio

Já não há estrela que me ajude.  
Olho em frente o céu frio do norte,  
o céu do sul foi-me ocultado. As cidades brancas  
onde cresci agonizam  
atrás do muro de estrelas do horizonte  
a sul. Entre mim e eu cresce uma casca  
cada vez mais espessa. Só através da névoa  
vejo a sombra da metade morta  
de mim mesmo: como se não tivesse fundo  
tremo e tateio o meu rosto escuro.  
Só na minha garganta me sinto em casa.

vem a mim, vem, para  
abraçarmos uma vez mais, toda a noite, o dia inteiro  
para sentir uma vez mais esse amor  
-já viste como espumeja, embate com a cabeça  
contra as grades, ou quando treme  
ao teu lado, de medo, o corpo, o corpo?  
vem, apaga a luz, estreita-te  
contra mim, deixa que te ame  
que eu saboreie o deleite dos teus seios  
que eu me entregue a ti, para que me amasses, docemente  
me apalpes, ou feres para que eu te sinta  
como em sonhos, como em sonhos.

sonhei que você morreu  
que o quarto estava vazio, a camisa,  
o cabide e em derredor de mim cada  
vez mais lugar, mais silêncio

debruçado na janela aberta, olhando  
para fora, para a escuridão, horas inteiras, esperando  
que talvez você chamasse, tive medo de dormir  
tive medo de fechar as pálpebras

contei os dedos, os botões, contei os passos  
com o olhar cravado na noite, tremendo, sussurrava  
e espantava todas as imagens com você

sonhei que os sonhos morreram  
que nos estávamos deslizando à profundidade, sozinhos,  
vazios, e que você já não viria.

o vá fazer calar. Mas miles de ecos são que em vez dele  
se vão lançar para o ar.  
Porque o amor, que flui pelas tuas veias, é semente, flor  
e fruto.

Agora, com amargura ou meiguice na voz, com suave aulido da elegia, na qual as inundações e os espelhos rotos, a força selvagem de mercenários e as cegas crias dos mamíferos ambulantes, desassossegam o teu sentido da realidade que muda como arquipélagos inconstantes dos mares do sul, agora, com exuberantes cascatas de trigo que escorre para o cano de esgoto como o sangue pálido dos golfinhos feridos à morte, com minutos de medo, antes de conciliares um breve sonho que não te salva das lembranças do exílio, agora, quando dizes neve e fica tudo como era antigamente, com uma melodia melancólica que imita vagamente o ritmo duma corrida persistente através das vastidões infinitas, agora, com estremecimento, com paixão, com ânsia, aqui, com a porta entreaberta pela qual anseia entrar a água viva, agora, quando os muros se estão a aproximar e partem as conchas de caracóis debaixo de passos firmes, agora, com maduros racimos de granizo que te esmaga contra o solo, agora, no fim e no começo dos caminhos que se vão fechando, agora, com a voz surda que vem da noite que compartias com as pessoas igualmente perdidas que tu: és capaz de te reconhecer neste poema?

## Antes de dormir

antes de adormecermos,  
nos apagamos a fronteira  
de repartição da semente

e o meu mole queixo  
afunda  
na quimera da tua frente,

dividimos  
a apariência do solo  
em dois escaques

e com o esboço dos lábios  
tentamos morder  
o metal liso

do silêncio nocturno.  
é que me estás a sentir  
quando te levo

até a borda  
e te deixo ficar  
nos jardins suspensos

para deslizares para dentro  
da arredondada escritura dos sonhos,  
cujo significado

é sempre distinto.